

Relatórios de Iniciação Científica – alunos do 9º. ano da Escola Municipal Dr. Napoleão Rodrigues Laureano (Guarujá)¹

Resumo: Este artigo procura condensar alguns relatos apresentados à banca examinadora, após a aplicação de programa de iniciação científica em uma escola pública de Ensino Fundamental, utilizando como metodologia o modelo de pesquisa-ação, o qual possibilitou o desenvolvimento de pesquisas na área de ciências sociais com temas: depressão e suicídio entre adolescentes e indisciplina na escola.

Palavras-Chave: Suicídio; Depressão; Adolescência; Feminismo; Religião.

Abstract: The article seeks to condense some reports presented to the examining board, according to a project of scientific initiation in a public elementary school, using “action research methodology”, which enabled the development of research in themes of social sciences such as: depression and suicide among adolescents and indiscipline in schools.

Keywords: suicide; depression; adolescence; feminism; religion.

Nota Prévia (dos orientadores): A aplicação de um projeto de iniciação científica no Ensino Fundamental de uma escola pública, utilizando como metodologia o modelo de pesquisa-ação, possibilitou a criação de pesquisas na área da ciência social por uma turma de nono ano, a qual foi dividida em pequenos grupos. Os temas das pesquisas foram propostos pelos próprios grupos, que receberam orientações quanto aos fundamentos teóricos, bibliografia, modelos de metodologia, tipos de análises. Este artigo procura condensar alguns relatórios apresentados à banca examinadora.



Alunos do 9º. Ano da “Napoleão”, que encaminharam suas pesquisas para as *Coepta*, em evento de incentivo à iniciação científica, realizado pela Secretaria de Educação, Esporte e Lazer da Prefeitura de Guarujá (13-9-19). Foto do Diário Oficial: www.guaruja.sp.gov.br/escola-de-guaruja-fomenta-iniciacao-cientifica-no-ensino-fundamental/ (Nota dos editores).

¹Artigo resultante de estudos e discussões realizados no Grupo de Estudo e Pesquisa Sociais e Políticas em Fracasso Escolar – GEPESP – com participação de Prof. Dr. Roger Marchesini de Quadros Souza; Prof. Dr. José Cláudio Diniz Couto; Profa. Ms. Cristiane Nascimento Brovini e Prof. Mestre Olair Rodrigues Garcia Junior.

Depressão entre adolescentes

Thais Amanda dos Santos Silva²

Bruna Beatriz Ferreira

Emylie Santos da Silva

Luiz Felipe dos Santos Ribeiro Silva

Luiza Liz de Almeida Tavares

Ramon Azevedo Silva

Raul de Souza Vasconcelos

Thiago André Barbosa Moreira

Introdução

Com o aumento do número de crianças e adolescentes afetados pela depressão, ocorreu-nos a ideia de investigar este tema em nosso grupo de estudos, tendo como objetivo investigar os problemas que a depressão pode desencadear nessa faixa etária. O estudo, cuja relevância reside no esclarecimento sobre a doença como forma de eliminar preconceitos, concorre para que a comunidade escolar acolha melhor os alunos que enfrentam os problemas decorrentes da depressão.

Apoiada em metodologia qualitativa de base documental, complementada com entrevistas com os funcionários do Setor de Orientação Educacional da escola, este estudo questiona em que medida a depressão pode afetar o adolescente, sua vida e seus estudos. Parte-se da hipótese de que a depressão ocorre em diversos graus e que afeta diferentemente cada paciente.

Segundo dados, de 2018, da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), órgão ligado à OMS, a depressão afeta mais de 300 milhões no mundo, sendo que cerca de 11 milhões de pessoas no Brasil. Este dado é analisado por Mariana Lima (2019), a qual afirma que “No Brasil, 5,8% da população sofre com a doença, o que significa mais de 11,5 milhões de pessoas. E mais de 18,6 milhões de pessoas (9,3% da população brasileira) têm distúrbios relacionados à ansiedade.”

A depressão pode envolver fatores sociais, psicológicos e biológicos, como desemprego, luto, trauma psicológico, que seriam os mais propensos a desenvolver depressão. Contudo, doenças físicas podem desencadear a depressão e esta, por sua vez, também pode desencadear doenças físicas, como as cardiovasculares (OPAS, 2018).

A depressão pode ser classificada como crônica, passageira, mais grave ou mais leve, e cada uma delas corresponde a um tipo de tratamento médico indicado. No caso dos adolescentes – que são os mais afetados pela doença, uma vez que eles ainda se encontram em fase de desenvolvimento psíquico e corporal –, seu tratamento deve ser mais leve do que no caso dos adultos. É importante atender às suas necessidades, evitar a medicalização excessiva e adotar outras formas de atendimento e a administração correta dos medicamentos trará ao adolescente melhor qualidade de vida. Dessa forma, os pacientes poderão ter uma vida normal, frequentar a escola, e aprender como os demais alunos (OPAS, 2018 b).

A Depressão dos Adolescentes

A depressão nessa faixa etária é sensível, pois se trata de uma pessoa que se encontra com os hormônios afetados e sofre a influência das pessoas de seu círculo social, e podem se importar muito com as opiniões dos amigos e familiares.

² Organizadora do grupo de estudos sobre Depressão.

Segundo a OPAS (2018 s.p.), uma em cada seis pessoas entre dez e dezenove anos está com a saúde mental afetada. Para metade delas, a doença se inicia a partir dos quatorze anos de idade, sendo que a maioria não é detectada ou tratada, o que poderá afetar a saúde física e mental do paciente quando atingir a idade adulta.

A depressão é uma das principais causas de incapacidade entre adolescentes. Muitos pacientes querem abandonar a escola e os amigos e buscam na solidão uma forma de enfrentar seus problemas. As pessoas deprimidas nessa idade têm seu cognitivo afetado, aprendem com dificuldade, pois possuem desajustes de concentração. A prevenção e promoção da saúde mental são indispensáveis na melhoria de vida dos adolescentes (OPAS, 2018 b).

Entre os jovens, o comportamento de risco para a saúde começa na adolescência, devido às limitações de sua capacidade de administrar suas emoções, além dos fatores contextuais como pobreza e exposição à violência, que podem contribuir para o aumento da probabilidade da ocorrência de doenças físicas e mentais, tais como uso de substâncias nocivas (álcool, drogas etc.). Em 2016, o índice de usuários atingiu a marca de 13,6 %, e entre a parcela de quinze e dezesseis anos, o índice atingiu 5,6% para os jovens que haviam consumido *cannabis*, conforme o estudo que envolveu 130 países (OPAS, 2018 b, s.p.).

Existem outras implicações que podem complicar o quadro do paciente. Segundo estimativas da OPAS (2018 b s.p.), até 20% dos adolescentes que vivenciam problemas de saúde mental são diagnosticados e tratados de forma inadequada, por fatores como falta de conhecimento e conscientização sobre saúde mental por parte dos profissionais da área ou estigmas que os impedem de procurar ajuda.

O que dizem os profissionais da educação

Em entrevista junto à orientadora educacional, apurou-se que todos os anos nossa escola apresenta um determinado número de alunos adolescentes com vários tipos de depressão. Segundo ela, os casos normalmente são leves e os alunos acometidos pelos sintomas estão em acompanhamento médico e raramente apresentam problemas cognitivos ou dificuldades para se relacionar com seus colegas.

Segundo a entrevistada, raramente aparecem casos em que os alunos deixam de frequentar as aulas em função da doença. Contudo, a entrevistada se referiu aos casos em que os alunos acompanhados pelos pais solicitaram para estudar durante um período em casa, pois se sentiam desconfortáveis na sala de aula, sendo que alguns deles abandonaram os estudos.

Conforme a entrevistada, pessoas que apresentam um grau severo de depressão também apresentam perda da capacidade de concentração e objetividade nos estudos. Uma de suas funções é comunicar aos professores, para que eles tomem as devidas providências em sala de aula, por exemplo, modificando as estratégias na abordagem dos conteúdos ou na aproximação e convívio com o aluno.

Considerações Finais

Neste estudo, o grupo entendeu a importância da responsabilidade dos médicos, responsáveis por diagnosticar a depressão através dos sintomas apresentados pelo paciente, ao se depararem com relatos de sensação persistente de tristeza, ansiedade, apatia, sentimento de culpa, descontentamento geral, desesperança, mudanças de humor, perda de interesse ou prazer nas atividades, isolamento social, solidão, tristeza, tédio ou sofrimento emocional. A depressão é uma doença que necessita de acompanhamento médico tanto para a obtenção do diagnóstico quanto para seu tratamento adequado.

Suicídio na adolescência

Gabriella Santos da Silva³
Carla Silvestre M. da Silva
Fernanda Rodrigues Pereira
Katherine Marck Lima dos Santos
Kimberly Barros Pereira
Rafaela Andrade C. Silva

Introdução

A palavra suicídio foi criada em língua francesa pelo padre Desfontaines em 1734, ou 1737, para significar “o assassinato ou morte de si mesmo” (segundo Meleiro, Mello Santos, & Wang, 2007, p. 475), com a seguinte etimologia: *sui* - si mesmo; *caedes* - ação de matar.

Pretende-se investigar, dentro das premissas apontadas por Marconi e Lakatos (2003), como pesquisa qualitativa com base documental apoiada por entrevistas com profissionais da área da educação e da medicina sobre a ocorrência de suicídio em adolescentes e fatores que os levam a cometer esse ato. A resposta para esta indagação que surgiu em nosso grupo de estudos é de que há um conjunto de fatores, incluindo a predisposição psíquica aliada a laços de relações sociais desfeitos.

Causas do suicídio

Como causas do suicídio, este grupo considerou o consenso de vários autores sobre a existência de um conjunto de sintomas manifestados em quadros clínicos de depressão, que poderiam constituir risco de suicídio, em especial, fatores como baixa autoestima, desesperança, pensamento de morte, tentativas de efetivação desse ato...

Entre os anos de 2000 e 2008, foram registrados quarenta e três casos de suicídio de crianças menores de dez anos, e mais de seis mil e quinhentos casos na faixa dos dez aos dezenove anos, segundo Kuczynski (2014, p. 247), que afirma que 80% dos meninos recorreram ao enforcamento e, que há entre as meninas preferência por métodos como intoxicação medicamentosa, objetos cortantes e afogamento.

Em estudo que expõe os índices de tentativa de suicídio em jovens no ano de 1997, no Brasil, observaram Assumpção, Oliveira e Souza, (2018, p. 315) que 40,9% das tentativas de suicídio praticadas foram realizadas por jovens entre 17 e 23 anos de idade. Segundo as autoras, o índice de mortalidade entre os jovens já era grande desde 1977 e, comparado aos números de 2018, que aumentaram para 62.517, tornaram-se trinta vezes maior do que os índices de outros países.

Há contradições entre os autores, pois dados subnotificados autorizaram Mello-Santos e outros (2005, p. 133) a afirmar que, no estudo epidemiológico de suicídio no Brasil, “entre 1980 e 2000, é praticamente nulo o conhecimento sobre as taxas de tentativas de suicídio ocorridas, o que de fato [também] acontece em muitos outros países” (Mello-Santos, et al, 2005).

A depressão é reconhecida como um dos principais fatores que leva ao suicídio, segundo a OMS, “Cerca de 800 mil pessoas morrem por suicídio a cada ano -

³ Organizadora do Grupo de estudos sobre Suicídio.

sendo essa a segunda principal causa de morte entre pessoas com idade entre 15 e 29 anos” (OPAS/OMS/BRASIL, 2018 b).

Considerações Finais

Este estudo procura apontar a importância da identificação de pessoas que podem sofrer com problemas relacionados ao suicídio, e sua divulgação no ambiente escolar pode salvar vidas. Considera-se o suicídio como um sério problema que envolve fatores sociais e de saúde e a depressão como a segunda maior causa do suicídio entre os adolescentes, um problema grave para todos os pacientes, mas especialmente, para os que enfrentam sua fase de desenvolvimento físico e mental.

A desesperança ou a solidão são sentimentos que se associam às tentativas de suicídio, entre os fatores de risco para esse desfecho, incluem-se o alcoolismo, abuso na infância e a falta de predisposição para procurar assistência adequada. Além desses, há ainda o preocupante problema dos adolescentes em relação às mídias sociais, que podem veicular mensagens de “desafios” ou estímulo ou a comportamento suicida.

Indisciplina escolar

Gabriel Frutuoso da Silva Alexandre⁴

Felipe Antônio de Oliveira Ramos

Michael Bernardino Moreira Gomes

Gabriel Cruz de Souza

Paulo Vinícius Barros da Silva

Lincoln Estevam da Silva Lorena

Kauã Freire Magalhães

Introdução

Motivados pela consciência da importância da produção de conhecimento no Ensino Fundamental como modo de desenvolvimento de nossa visão crítica, nós, estudantes do nono ano, aceitamos a proposta de elaborar um projeto de pesquisa em grupo colaborativo, sob a forma de atividade extracurricular.

Em nosso primeiro encontro, elegemos um tema que muito nos afeta, a indisciplina escolar, um grande obstáculo que nós, alunos e os professores, enfrentamos. O problema é fonte constante de ruídos na comunicação, de distração e de baixo rendimento escolar, concorrendo para prejudicar a qualidade do aprendizado.

A investigação iniciou-se pela leitura de autores consagrados que discorrem sobre o tema e, posteriormente, pela aplicação de entrevistas envolvendo funcionários do Setor de Orientação Educacional.

⁴ Organizador das frentes de pesquisa sobre o tema apresentado.

A relevância deste trabalho se relaciona à possibilidade de melhoria das relações no seio da comunidade escolar, a partir do estabelecimento de novos conhecimentos, seja adotando novas estratégias, seja conhecendo o ponto de vista dos próprios alunos aqui expostos.

Indisciplina

O desrespeito às regras, aos colegas e aos funcionários por parte de alguns alunos pode ser uma das causas deste fenômeno que se procura observar. Segundo Estrela (1992, p.17) “a (in)disciplina pode ser pensada como negação da disciplina, ou como desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo grupo”.

Segundo a OCDE (2011, p. 2), “Em média, nos países da OCDE, o percentual de estudantes que relataram que seus professores não precisam esperar muito para acalmar a turma cresceu seis pontos percentuais – de 67% em 2000 subiu para 73% em 2009”. Enquanto o Japão apresenta índice de 97%, o Brasil apresentou índice de 67%, sendo a média da OCDE no período analisado foi de 72%.

Segundo o relatório OCDE (2011, p. 2), entre os anos de 2000 e 2009, foram identificadas mudanças no percentual relatado de barulho e bagunça durante as aulas de Leitura, sendo que alguns países com os piores percentuais de indisciplina apresentaram grandes melhoras.

Papel da Escola

Segundo o que se apurou em nossos encontros, um primeiro fator para que ocorra uma boa educação nas instituições escolares é que haja vigência das regras de conduta e organização, pois a escola que não propõe e zela pelas regras a serem seguidas poderá sofrer em decorrência da indefinição de normas. Assim, a indisciplina, que cria uma atmosfera propícia à baixa concentração aos estudos, favorece a desatenção, o desinteresse e a falta de objetividade nos trabalhos escolares.

Muitas escolas públicas se ressentem da falta de funcionários para o atendimento das necessidades dos alunos e para a conversa prolongada com os pais. O modelo administrativo adotado pela maioria das secretarias de Educação para suas escolas pode impactar diretamente o tempo disponível para que os poucos funcionários da direção atendam casos que exigem maior atenção.

Observou-se que, no atual modelo, em decorrência da falta de funcionários, pode ocorrer uma superficial comunicação entre os envolvidos no processo educativo. Neste modelo, as crises seriam superficialmente resolvidas, razão pela qual o referido quadro funcional não seria capaz de gerar soluções definitivas. Em síntese, falta tempo para que haja uma comunicação mais profunda, envolvendo reuniões demoradas com os pais e a comunidade escolar, de forma a elaborar planos de ação, ou simplesmente, propiciar atendimento mais completo aos alunos que mais necessitam.

O ambiente físico da escola também pode afetar a conduta dos alunos. A escola pesquisada não possui grande espaço comum de modo a propiciar maior interação entre os alunos e a comunidade escolar. A maneira com que a escola lidou com este problema foi criar intervalos diferenciados durante os períodos, de modo que, no período correspondente a cinco aulas, ocorrem quatro intervalos, com o primeiro intervalo ocorrendo ao final da primeira aula e o último após a penúltima aula. Nesse intervalo de apenas quinze minutos, os alunos poderão usar os banheiros, interagir com os amigos e ter suas refeições.

Caso não fosse estabelecido dessa maneira, a grande concentração de alunos no pequeno pátio possivelmente provocaria atos indisciplinados indesejáveis. Por outro lado, não seria possível que as merendeiras servissem as refeições com a devida atenção e qualidade a tantos alunos em um período tão curto de quinze minutos de intervalo.

Essa solução, que resolveu os problemas da organização dos espaços e tempos, gerou, por outro lado, desconfortos aos alunos, que ficam muito tempo concentrados em aula após o intervalo, ou antes dele, pois não podem interagir com os colegas das outras classes, ficam muito tempo sem se alimentar ou poder ir ao banheiro sem perder parte das aulas.

Essa falta de espaço comum também afeta as relações verticais na escola, pois os alunos convivem muito pouco com os colegas de outras idades, o que seria um fator importante que envolve o ensino integral, mesmo que a sala de leitura, que pode ser frequentada a qualquer momento, seja um ambiente em que os alunos podem desfrutar de convívio com as atendentes e também estabelecer convívio saudável entre eles.

Papel do Professor

Entre os participantes, muitos apontaram que o professor é considerado como autoridade na sala de aula, contudo, não pode agir como se fosse um ditador. Entende-se que sua função é a de apresentar ideias, compartilhar experimentos com seus alunos sem, entretanto, desrespeitar sua história, seu repertório, que também é muito rico.

O professor poderia encorajar a participação dos estudantes, demonstrando que cada um deles é o responsável pela construção de seu próprio processo de aprendizagem. Sobre este fator, aponta o relatório da OCDE (2011, p. 3) que:

Relações professor-aluno positivas são cruciais para estabelecer um ambiente em sala de aula propício ao aprendizado. As pesquisas indicam que os estudantes aprendem mais e apresentam menos problemas de disciplina quando sentem que seus professores os levam a sério.

As relações entre professor e aluno podem extrapolar determinados limites, é o que apontam os dados da OCDE (2011, p. 4): “Relações positivas professor-aluno não se limitam ao fato de o professor ouvir os alunos”. Na Alemanha, por exemplo, a proporção de estudantes que registraram que os professores lhes dariam uma ajuda extra se necessário subiu de 59%, em 2000, para 71%, em 2009. Contudo, é preciso apontar para o fato de que a situação dos professores do Brasil é bem diversa da daquele país, devido à restrição do horário de trabalho dividido em períodos e, sobretudo, por este fator implicar o pouco tempo que o profissional dispõe para se dedicar a situações extras que surgem em sua prática.

Esse ideal, muitas vezes, é almejado por professores da escola pesquisada, sobretudo, pelos mais experientes. Entretanto, por maior que fosse seu esforço nesse sentido, observa-se que eles possuem uma grande carga de trabalho e que, especialmente no Ensino Fundamental, conseguem pouco tempo efetivo de aula, e assim que conseguem a atmosfera adequada para a atenção ao estudo por parte da turma, já é quase chegada a hora da troca de aula.

Assim, muitas vezes o professor acaba se ressentindo, ao final de sua jornada de trabalho, do fato de que em vez de lecionar sua matéria e promover o diálogo, perde muito tempo em chamar a atenção e a repreender alunos indisciplinados. As

falhas relacionadas ao professor se referem também a questões estruturais, já que no contexto das regras do jogo, acabam optando por métodos menos desgastantes, para suportar a sobrecarga auferida pelos atos de indisciplina até o fim do dia de trabalho.

É por isso que se reconhece que um dos fatores que pode influenciar a questão da indisciplina do aluno é a falta de diálogo com o professor.

O papel dos pais e da família

Um fator a ser levado em conta na questão da indisciplina é a assiduidade dos pais no acompanhamento da vida escolar dos filhos; alguns deixam de comparecer mesmo quando insistentemente convocados. Certamente este fator é uma das vertentes da questão da indisciplina por parte de alguns alunos desassistidos pelos pais, que, ao não oferecerem atenção adequada aos filhos, não contribuem para uma melhor conduta em sala de aula.

Outras causas aventadas por este grupo de estudos são questões ligadas aos problemas domésticos como discussões, brigas, violência doméstica, alcoolismo e falta da presença paterna. São fatores que podem afetar o desenvolvimento da criança e influenciar seu comportamento diante dos colegas e professores. A separação dos pais foi mais um fator levantado pelo grupo, que poderia modificar o comportamento do aluno, como apresentar sintomas de tristeza, isolamento ou mudanças de aproveitamento escolar.

Segundo Santos (2016, p. 11), os pais devem acompanhar as rotinas escolares dos filhos, pois “Cabe aos pais dedicar mais tempo aos estudos dos filhos com um olhar mais atento para a escola, os deveres, as provas, as notas ou quaisquer atividades e ocorrências diretamente ligadas ao desenvolvimento educacional dos filhos.”. Naturalmente, o apoio dos pais é imprescindível no desenvolvimento dos filhos.

Percebeu-se que, em alguns casos, alunos que não recebem apoio dos pais ou da família possuem desempenho prejudicado com notável queda de rendimento nas provas e nas diversas atividades. Nesses casos, os pais precisariam dedicar um momento de seu dia a colaborar com os filhos.

O relacionamento família/criança é um fator essencial para o desenvolvimento cognitivo dos filhos. Quando não existe essa relação, esse crescimento é alterado. É certo que falar sobre os diversos ambientes e relacionamentos familiares e como eles afetam as crianças não é fácil, pois para muitos, de alguma forma, provoca grandes distúrbios, mas para outros pode apresentar um quadro reversível e contornável. Pais omissos, pais separados, problemas financeiros, educação direcionada apenas para a escola ou deixada por conta de avós, babás e outras pessoas, são alguns fatores que podem prejudicar a vida da criança. (CARMO, 2019, s/p.)

Pais absorvidos por seu trabalho, ou em qualquer outra situação que os impeça de poderem atuar com a frequência necessária junto à escola, seria um típico problema que poderia ser amenizado se houvesse um profissional na escola que desse a assistência devida, sobretudo, nos casos mais extremos, em que não há nenhum parente próximo para acompanhar o desenvolvimento do aluno que vai e volta sozinho da escola. Contudo, o modelo administrativo vigente nas escolas públicas não disponibiliza esse tipo de colaborador.

Obviamente, grande parte dos alunos mal vê seus pais, entregues à necessidade de trabalhar. E há pais que, por vários motivos não participam da vida dos filhos, abandonam o lar e os próprios filhos, produzindo um dos problemas sociais mais evidentes que é a família cuja única responsável pela criação e educação é a mãe.

Nesse contexto, é útil lembrar (PIAGET, 1972 – 2000, p. 50):

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades.

Há, contudo, casos em que o aluno é o foco do problema e, apesar das ações insistentes dos pais, da escola e de outras instâncias, pouco se pode fazer para melhorar seu comportamento, a não ser esperar que amadureça e possa se responsabilizar por suas atitudes. Em muitos desses casos, os pais deixam de atender às convocações por se sentirem cansados ou envergonhados pelas atitudes dos filhos.

Referências bibliográficas (dos três relatórios)

ASSUMPÇÃO, Glaucia Lopes Silva; OLIVEIRA, Luciele Aparecida de; SOUZA, Mayra Fernanda Silva de. DEPRESSÃO E SUICÍDIO: uma correlação. *Pretextos – Revista da Graduação em Psicologia - PUC Minas*, v. 3, jan a jun, 2018, p. 312 a 333. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15973/13041>> Acesso em: 05 mai. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). *CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL*. BRASÍLIA, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CARMO, Francielly Gomes dos Santos. *Prováveis causas em que a família influencia na indisciplina escolar*. Cap. 3 e 4, 2019. Monografias Brasil Escola. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/provaveis-causas-que-familia-influencia-na-indisciplina-escolar.htm#capitulo_3.4> Acesso em: 22 jun. 2019.

ESTRELA, M. T. *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. 3. ed. Porto: LDA, 1992.

KUCZYNSKI, Evelyn. SUICÍDIO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 246-252, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000300246&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mai. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140005>

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA CIENTÍFICA. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Mariana. MILHÕES DE PESSOAS SOFREM COM DEPRESSÃO. Observatório do Terceiro Setor, 2 de maio de 2019. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/322-milhoes-de-pessoas-no-mundo-sofrem-com-depressao-segundo-oms/>> . Acesso em: 10 mai. 2019.

MELEIRO, A. M. A. S., MELLO-SANTOS, C., & WANG, Y. P. (2007). SUICÍDIO E TENTATIVA DE SUICÍDIO. In M. R. Louzã Neto & E. Elkis, *Psiquiatria básica* (2a ed., pp. 475-496). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. PDF disponível em: <http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/N/NETO_Mario_Rodrigues_Louza/Psiaquiatria_Basica_2ed/Liberado/pdf> Acesso em: 24 jun. 2019.

OCDE, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. *PISA em foco* 4/2011 (Maio) – © OCDE 2011. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/pisaproducts/pisainfocus/48488602.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019.

MELLO-SANTOS, Carolina de; BERTOLOTE, José Manuel; WANG, Yuan-Pang. EPIDEMIOLOGIA DO SUICÍDIO NO BRASIL (1980 - 2000): caracterização da idade e sexo do suicídio. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 27, n. 2, p. 131-134, junho de 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462005000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 abr. 2018.

OPAS, Folha informativa – DEPRESSÃO-2018, Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095> . Acesso em: 5 mar. 2019.

OPAS, Folha Informativa - Saúde Mental dos Adolescentes 2018 b, Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839> Acesso em: 03 jun. 2019.

PIAGET, Jean. *Para onde vai à educação*. 15. ed. Rio de Janeiro. José Olímpio, 1972/2000.

SANTOS, Humberto Corrêa dos. *A Indisciplina na Escola: causas, prevenções e enfrentamento* - Estação Científica, nº 15, janeiro – junho/2016, Juiz de Fora. Disponível em: <<http://portal.estacio.br/media/6078/3-a-indisciplina-na-escola-causas-preven%C3%A7%C3%B5es-e-enfrentamento.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2019.

Recebido para publicação em 02-09-19; aceito em 18-10-19